

Uma visita ao

MUSEU AFRO BRASIL



A criação do Museu Afro Brasil veio contribuir para a preservação e divulgação da herança cultural e artística do negro no Brasil. E, porque nunca se pretendeu um museu meramente contemplativo, vai mais longe: no olhar profundo sobre as nossas raízes, sobre a nossa identidade. Abre espaço para o reconhecimento e para a transformação.

Participar desta iniciativa reafirma, uma vez mais, o compromisso da Petrobras com o desenvolvimento do Brasil. Maior patrocinadora da nossa cultura, a Petrobras é uma empresa essencialmente brasileira e entende que a construção diária de um país mais justo e democrático só é possível quando sabemos o que somos. E, para isso, é fundamental conhecer e respeitar as nossas raízes – marcadas pela riqueza da pluralidade e pela capacidade intrínseca de assimilar e recriar.





uma visita ao museu afro brasil

Este é um caderno de visita. Uma visita à exposição do *acervo* do Museu Afro Brasil. Para escrever esse caderno, foram escolhidas imagens que estão expostas e que podem orientar seu olhar ou informar sobre conteúdos importantes dessa exposição, caso você esteja no museu. Portanto, é um caderno que pode ser usado pelo visitante enquanto percorre a exposição ou depois, para lembrar o que foi visto. Aqueles que não puderem vir ao museu, também podem folhear estas páginas, observar as imagens, ler os textos, fazer as atividades propostas e assim conhecer a nossa coleção, mesmo que de longe.

Uma visita a um museu nos leva a conhecer lugares distantes, antigos, novas pessoas, populações, hábitos e costumes diferentes dos nossos e, ainda, a sonhar com novos lugares. Pode também evocar nossa memória, nos aproximando ainda mais de pessoas, obras e lugares conhecidos.

O Museu Afro Brasil conta uma história brasileira quase sempre ignorada. Ele foi criado a partir da coleção de Emanuel Alves de Araujo – escultor, colecionador e, hoje, diretor deste museu –, que ao longo de mais de trinta anos se ocupou em encontrar e colecionar obras que mostram a importância da população negra na nossa sociedade. O museu está repleto de memórias, de lembranças, de imagens de orgulho, sofrimento, conquista e competência dessa população que formou a nossa nação. Este é um museu brasileiro. Venha conhecê-lo, mesmo que por meio destas páginas.

Este caderno foi organizado a partir dos núcleos da exposição. Você verá uma cor diferente marcando a abertura de cada um deles. Esta cor é a mesma que identifica esses núcleos no museu. Existem algumas palavras escritas em *itálico*; na última página do caderno você encontrará um glossário que explica o sentido delas.

Boa visita!

Como tudo começou...

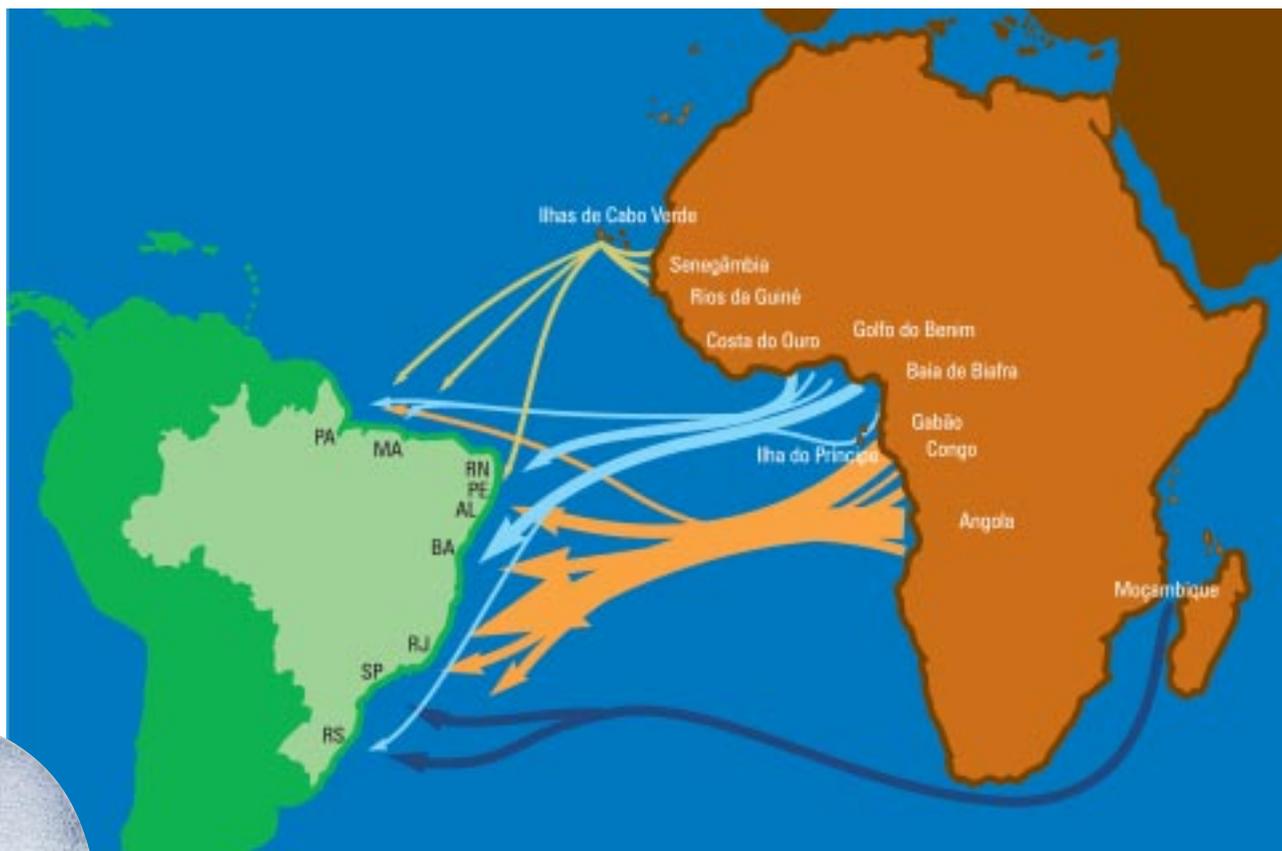
Esta história começou há muito tempo, há mais de quatrocentos anos, por volta dos anos 1500. Foi quando os portugueses e outros povos europeus chegaram ao atual continente africano e trouxeram, à força, milhões de pessoas para trabalhar como escravos nas novas terras que eles haviam conquistado – as Américas. Um desses lugares eram as terras onde hoje é o Brasil.

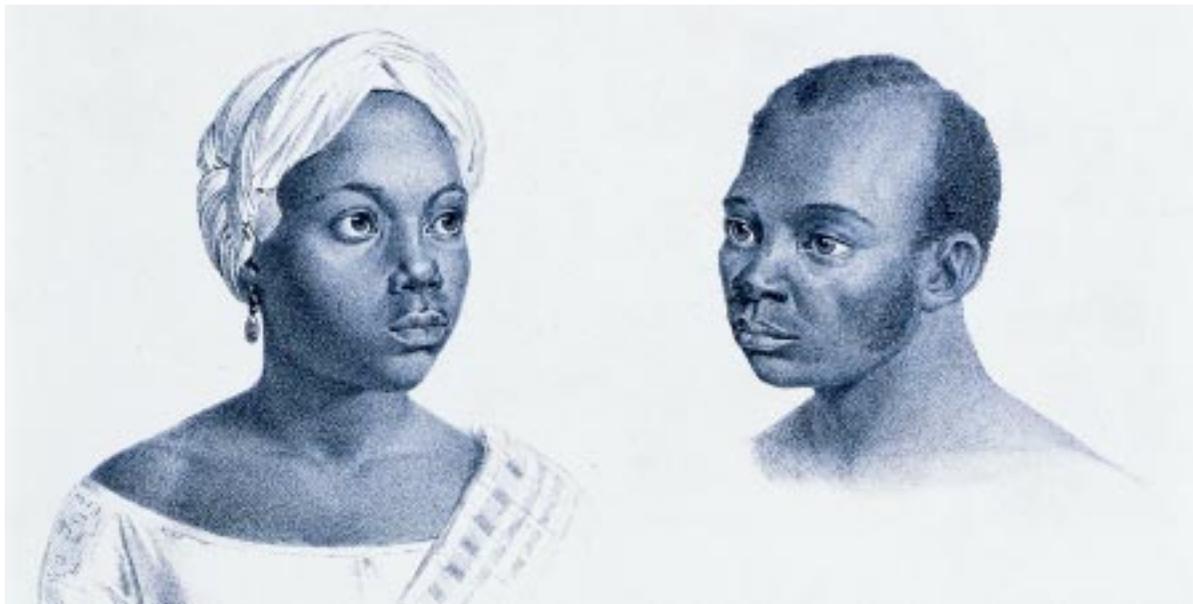
As pessoas foram arrancadas do Continente Africano e trazidas para as novas e desconhecidas terras em embarcações chamadas de *navios negreiros*. As condições dessa viagem eram péssimas, por isso, muitos morriam no meio dela e eram atirados ao mar; muitos outros chegavam doentes no final da viagem. Os homens e mulheres que foram escravizados partiam de diferentes portos da África. Na viagem não podiam trazer nada do que era deles. Mas não deixaram de trazer o que tinham aprendido na sua terra e as lembranças da sua família e do seu povo.

No Brasil, eles desembarcavam em vários portos, como o de Salvador, na Bahia, e no porto do Rio de Janeiro. Lá eram vendidos para trabalhar como escravos em diversos lugares do nosso território. O mapa abaixo mostra algumas rotas de viagem dos navios negreiros para o nosso país.

Rotas do Tráfico Atlântico
Calendário 2006: Meu Brasil
Africano: Minha África Brasileira –
Secad/IMEC, BID, Unesco

Johann Moritz Rugendas
Congo, 1835
Litografia





Johann Moritz
Rugendas
Créoles, 1835
Litografia



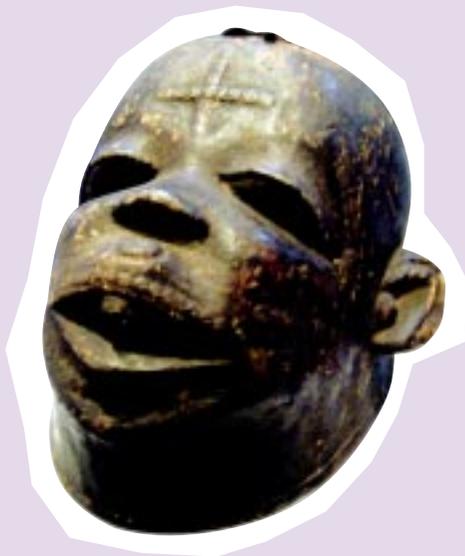
Johann Moritz
Rugendas
Congo, 1835
Litografia

Os diferentes povos africanos

A África é um continente que possui hoje cinquenta e três países. Os povos africanos são muito diferentes uns dos outros; possuem características físicas, culturas e línguas diversas. Nas vitrines da exposição há máscaras de vários povos da África. Elas estão lá para que você possa conhecer um pouco do jeito de viver de alguns dos nossos antepassados africanos, por meio da sua arte. A arte africana aparece em todos os momentos da vida social, tanto nos objetos mais simples usados no cotidiano, como naqueles que fazem parte de cerimônias religiosas. Essa arte permeia todo o ciclo da vida, desde o nascimento, passando pela iniciação ao mundo adulto até a morte, quando a pessoa se torna um *ancestral*.

As máscaras eram utilizadas em momentos especiais, chamados *ritos*. Os ritos celebram a passagem dos jovens para a idade adulta, os ciclos da natureza, a morte de um membro do grupo, o pedido de proteção aos deuses ou o agradecimento pelos seus feitos. As máscaras podem parecer com pessoas ou com animais. Para ter uma visão mais completa de uma máscara, procure ver todos os seus lados. Caminhe em volta dela, observe os seus detalhes e os materiais de que é feita.

MÁSCARA MUTI WA LIPIKO
Celebração de
iniciação masculina
Moçambique/Tanzânia
Madeira e cabelo humano



MÁSCARA EGBO EKOI
Utilizada para fins
de regulamentação
e controle social
Ekoi (Nigéria/
Camarões)
Madeira, fibra
natural e pele
de antílope



Observe a máscara Gueledé

De que material ela é feita? Olhe com atenção o formato dos olhos, do rosto, boca e nariz. Nas maçãs do rosto você pode perceber marcas, chamadas de *escarificações*. Quantas são?

O que mais diferencia essas máscaras é o que está esculpido na parte superior da cabeça. Nessa parte, tradicionalmente, eram esculpidos seres que pertenciam aos mitos e às histórias do povo. Atualmente são esculpidas também cenas do dia a dia ou objetos e animais que fazem parte de situações importantes que são apresentadas à população.



MÁSCARA DA SOCIEDADE GUELEDÉ Utilizadas anualmente em celebrações de fertilidade e em funerais de membros dessa sociedade. Iorubá (Nigéria/Benim) Madeira policromada

A máscara Gueledé, por exemplo, pertence a uma associação secreta feminina formada, geralmente, por mulheres idosas da sociedade Iorubá. Os Iorubá temem e respeitam muito a força dessas mulheres. Por isso, são os homens que vestem as máscaras e dançam com elas nos rituais. Hoje, grande parte dos Iorubá vive onde está localizada a Nigéria e o Benim, países africanos.

PORTA DE CASA
Senufo (Costa do Marfim)
Madeira



Histórias contadas nas portas

As portas servem para proteger ou para separar um ambiente do outro. Pode ser a porta de uma casa, de uma igreja, da escola ou do seu quarto. As portas indicam que do outro lado delas existe um ambiente diferente ou servem para proteger algo de valor que ali está guardado. Por isso, alguns povos africanos, entre eles os dogon, os baulé e os senufo, entalhavam nas portas animais e personagens especiais que contavam histórias como as da criação do mundo. Geralmente essas portas protegiam lugares importantes, santuários ou celeiros, onde se guardavam os produtos da colheita.

▶ Observe a porta Senufo

Nela aparecem entalhadas figuras de animais considerados como *primordiais*. Segundo os Senufo, o crocodilo, o camaleão, a píton, a tartaruga e o calau surgiram antes do homem e, por isso, aparecem representados.

Observe os detalhes da porta e encontre cada um desses animais. Olhando um pouco mais você perceberá que existem outros personagens. Quais são eles? Que história você imagina que eles estão contando?

Se você fosse um *entalhador*, o que entalharia na porta do seu quarto ou da sua casa?

ESTATUETAS DE GÊMEOS IBEJI
Iorubá (Nigéria)
Madeira, pano e contas

Os ibeji

Você conhece muitos irmãos gêmeos? Geralmente conhecemos um ou outro. Mas entre os iorubá acontece algo muito curioso: a cada onze crianças nasce um par de gêmeos. Esse é o povo que tem o maior número de nascimento de gêmeos no mundo. Os iorubá acreditam que essas crianças têm muita força, trazem com elas proteção divina e se tornam divindades quando morrem. Por isso, ainda nos dias de hoje, quando ocorre nascimento de crianças gêmeas numa família iorubá, um sacerdote deve ser consultado. Ele vai decidir se os pais precisam encomendar um par de estatuetas, que representem os dois filhos, ou se uma estatueta será feita apenas se um deles morrer.

Quando um dos gêmeos morre, todos são tomados de muita tristeza e preocupação, pois crêem que os irmãos tinham a mesma alma. Então, a estatueta, chamada de *ibeji*, fica no lugar do irmão que morreu. O *ibeji* recebe os mesmos cuidados destinados à criança que sobreviveu: é banhado, ganha roupas, lhe é oferecido alimento, anda junto com a família acompanhando o gêmeo vivo. Normalmente as mães enfeitam os *ibeji* como prova do seu amor.



◀ Observe os ibeji

Veja os seus adornos.
De que materiais eles são feitos?
O que cada um carrega nas mãos?

A metalurgia

Uma antiga contribuição dos povos africanos foi a técnica da metalurgia, a fabricação de peças de ferro. Hoje sabemos que há mais de três mil anos, em diversas regiões da África, se produziam diferentes materiais de ferro: armas para a guerra, objetos de culto e ferramentas de trabalho. Os ferreiros eram tidos como homens especiais, pois detinham a sabedoria de dominar e transformar a natureza e de criar objetos. A importância desses homens e do seu saber tecnológico era tão grande que, no Brasil, plantas de diversos *quilombos* mostram que a casa do ferreiro ocupava lugar de destaque.



Asen, altar *portátil* funerário com símbolos que lembram a pessoa que morreu, crenças religiosas ou heranças familiares. É comum aparecer nos asen cenas de cotidiano da realeza, caso a pessoa falecida fosse um rei ou alguém que fazia parte da corte real. Pode também apresentar uma ferramenta de trabalho ou outro objeto que diga respeito à ocupação particular dessa pessoa.



○ Senufo



⊕ Songue



≡ Makonde



▣ Bambara



❖ Iorubá



⤴ Bamileke



≡ Yombe



⊕ Bobo



⊙ Ekoi



⊕ Dogon



✕ Ashanti



▣ Kulango



⊕ Iorubá



⊕ Pende



≡ Nalu



▣ Bwaba

Trabalho e Escravidão

Durante quase quatrocentos anos, os homens e mulheres escravizados trabalharam para a construção da nação brasileira. Os africanos escravizados trouxeram com eles conhecimento tecnológico já adquirido junto ao seu povo e, no Brasil, empregaram esse saber em diversas atividades ou o adaptaram para as tarefas exigidas no período da escravidão. Eles faziam as ferramentas e trabalhavam com elas. Aqui realizavam todo tipo de trabalho, do mais difícil ao mais simples, tanto nas fazendas como na cidade.

A variedade de ofícios era grande. Existiam escravos da lavoura de cana-de-açúcar, de café, da pecuária, da mineração, do serviço doméstico: cozinheiras, arrumadeiras, lavadeiras, amas-de-leite. Nos ofícios urbanos encontravam-se, entre outros, sapateiros, ferreiros, vendedores ambulantes, quituteiras, barbeiros, carregadores, marceneiros, entalhadores, ourives, músicos.



Jean Baptiste Debret (desenho)
e Chierry Frères (litógrafo)
MERCADOR DE SAMBURÁS
E VENDEDOR DE PALMITOS
1834-1839
Detalhe da litografia colorida à mão

Como você imagina que era a vida do escravo no Brasil?

Leia alguns trechos do documento “Instruções Gerais para a Administração da Fazenda”, datado de 1870, escrito no município de Areias, em São Paulo, no período da produção de café:

... Jantar – *O mesmo feijão do almoço e angu e uma quarta de carne seca, que em geral deve ser cozida em panela separada e em rações, sendo o caldo lançado no feijão e a carne frita em gordura de porco...*

... Castigos – *Nenhum feitor poderá dar mais de 6 vergalhadas ao escravo e o castigo por mando do administrador nunca deverá exceder a 24 vergalhadas... Também nenhum administrador poderá conservar escravos no tronco, por mais de 24 horas, sem fazer comunicação ao administrador geral...*

Essas instruções demonstram a preocupação que os senhores tinham em manter seus escravos minimamente alimentados e capacitados para exercer os trabalhos nas fazendas. Esses cuidados mínimos tentavam impedir que os escravos morressem de doenças ligadas à má alimentação ou a castigos excessivos, evitando, dessa forma, prejuízos financeiros aos seus donos.

Observe alguns dos instrumentos de castigo.

Vira-mundo

Espécie de grilhão de ferro com que se prendiam os pulsos ou os tornozelos dos escravos.



Libambo

Cadeia de ferro com que se prendia pelo pescoço um escravo ou um grupo de escravos.



Gargalheira

Colocada no pescoço, como forma de um colar de ferro, impedia o escravo de olhar para frente. Era utilizada em escravos fugidos ou que haviam tentado fugir.



Zezé Botelho Egas
ESCRAVO, 1936
Bronze e pedra

A produção do açúcar

Estas são formas onde se colocava o caldo de cana já cozido para ser purificado. Elas tinham um furo para escorrer o mel; isso durava alguns dias. Depois disso, os “pães de açúcar” eram retirados das formas para secar ao sol, só então ele estava pronto para ser vendido. As formas dos pães de açúcar foram originalmente fabricadas em barro, mas existiram também formas de madeira e de chapa de ferro.

O que vem à sua cabeça quando ouve a palavra pão de açúcar? Você sabia que o Pão de Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro, tem esse nome por ter o formato semelhante aos pães de açúcar? O Rio de Janeiro foi o maior produtor de açúcar do Brasil durante o século XVII.



PAR DE FORMAS DE METAL PARA PURIFICAR O CALDO DA CANA DE AÇÚCAR (CHAMADAS PÃO-DE-AÇÚCAR)
Pernambuco, Século XIX



Essa imagem é de um engenho de açúcar. Nela aparece apenas uma parte do engenho, a moenda.

O trabalho nos engenhos de açúcar era muito duro e intenso; com isso, exigia mão-de-obra de muitos escravos.

O açúcar era considerado um artigo de luxo nesta época, consumido apenas por pessoas da elite. Por vezes, era dado como presente de casamento, em belas caixas, para noivos ilustres.

◀ Observe a imagem

Encontre nela os torrões de açúcar feitos e já colocados fora da forma.

Reprodução
Johann Moritz Rugendas
ENGENHO DE AÇÚCAR
S/ data
Litografia colorida à mão 35,5 x 51,3 cm

Os diversos ofícios

Aqui você encontrará uma variedade de ofícios realizados pelos escravos ou por ex-escravos, que eram chamados de forros ou libertos.

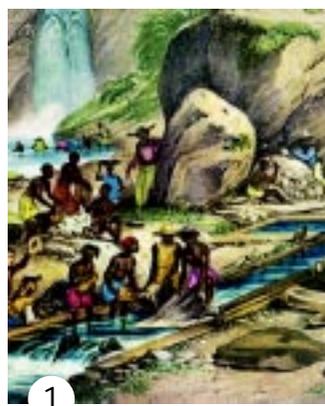
Observe essas imagens ►

Olhe com atenção as ferramentas utilizadas ou o que as pessoas estão fazendo. Observe as pessoas que trabalham. Algumas estão acorrentadas ou com outros instrumentos de castigo. Por que será? Você observou se há alguém trabalhando calçado?

Os escravos eram impedidos de andar calçados. Por isso, sempre que possível, uma das primeiras coisas que faziam após comprar ou conquistar a sua liberdade, era comprar sapatos.

Essas imagens mostram os ofícios de ama-de-leite, sapateiro, marceneiro, quituteira, serrador e minerador.

Observe com atenção os detalhes das imagens. Em seguida escreva, na linha pontilhada abaixo de cada uma delas, o nome do ofício correspondente.



1



2



3



4



5



6

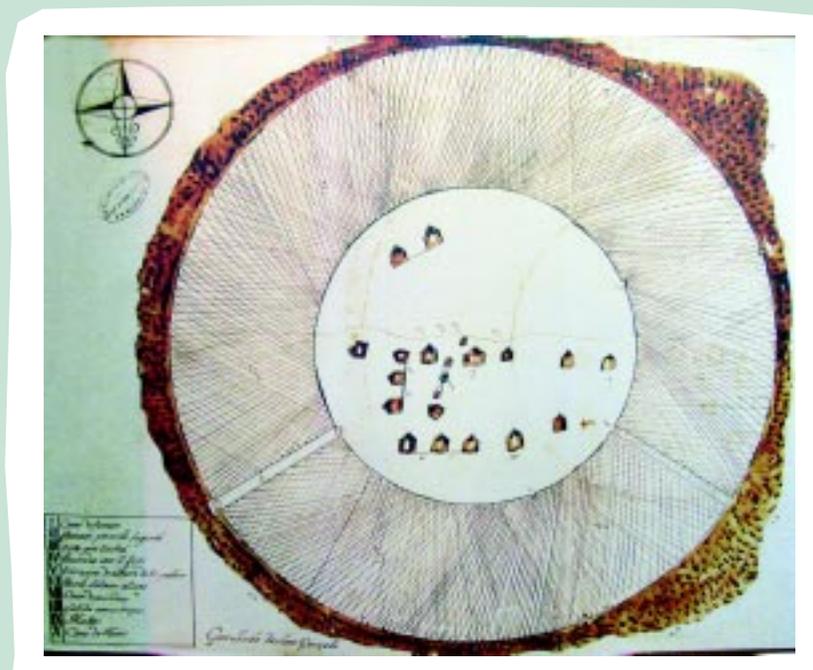
Da resistência à abolição

As formas de resistência escrava foram inúmeras. Havia a resistência mais individual como a fuga, o suicídio ou a realização lenta dos trabalhos, e aquelas mais coletivas como a organização de quilombos e rebeliões. O quilombo de Palmares, no atual estado de Alagoas, se tornou um símbolo e teve Zumbi como uma das lideranças mais destacadas. Palmares resistiu por cerca de cem anos aos ataques de portugueses e holandeses, até ser destruído pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, em 1695.

A maior rebelião escrava de que se tem notícia, no Brasil, foi a Revolta dos *Malês*, acontecida em Salvador, na Bahia, em janeiro de 1835.

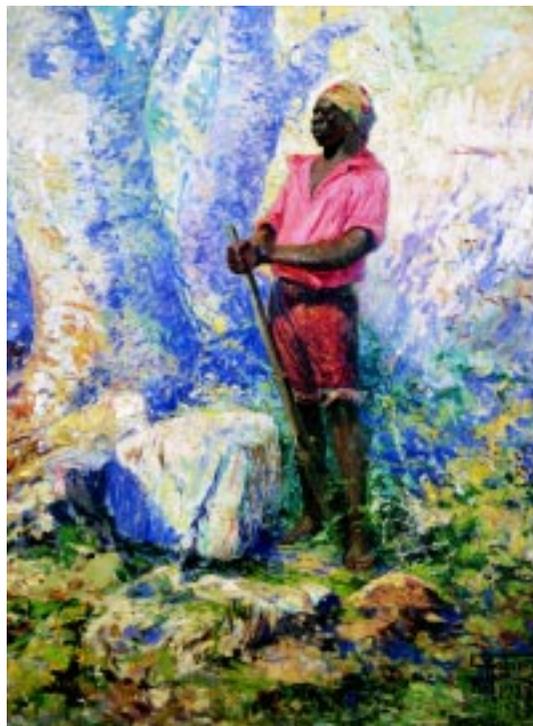
Os escravos que continuavam nas fazendas e nas senzalas também resistiam à escravidão e aos maus tratos. Os castigos que eram aplicados são uma prova dessa resistência. Em diversas ocasiões escravos se organizaram para negociar com o senhor melhores condições de trabalho. Existem registros disso em diversos pontos do país e em diferentes momentos da escravidão brasileira. Exemplos de alguns escravos que conseguiram terras para cultivo próprio, licença para casamento ou horas de descanso, nas quais realizavam festas religiosas, confirmam essa negociação entre senhores e escravos que, apesar de difícil, lhes rendia algumas conquistas.

O Brasil foi o último país das Américas a acabar com a escravidão. Muitos homens lutaram pelo seu fim, eles queriam a sua abolição, por isso eram chamados de abolicionistas.



Reprodução
QUILOMBO DE SÃO GONÇALO
Minas Gerais, Século XVIII
Aquarela
Acervo Fundação
Biblioteca Nacional

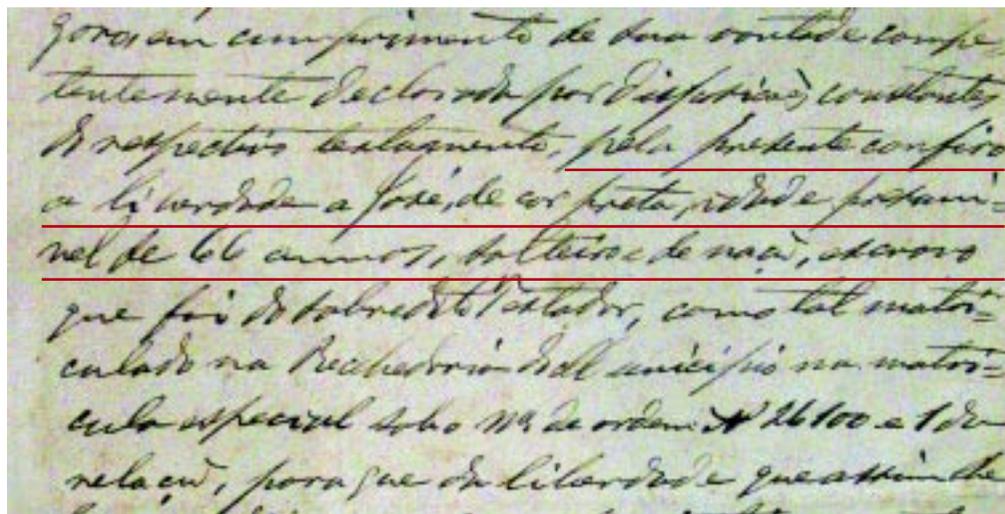
A abolição se deu no dia 13 de maio de 1888. Muito antes da Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil, um grande número de *cativos* tentava comprar sua carta de *alforria*. Nesse caso, os escravos passavam a ser chamados de forros ou libertos, isto é, um escravo que comprou ou conquistou a sua liberdade. Nem sempre essa alforria era respeitada e muitos forros voltavam à condição de escravos. Nos últimos anos de escravidão o número de quilombos aumentou consideravelmente. E quando a Lei Áurea foi assinada, grande parte dos descendentes de africanos já estava livre. Entretanto, a Abolição foi muito festejada porque pela primeira vez, no Brasil, se reconhecia a igualdade de todos os brasileiros como cidadãos.



Reprodução
Antonio Parreiras
ZUMBI
1917
Óleo sobre tela do Acervo
do Museu Antonio Parreiras,
Niterói, RJ



Reprodução
Livrinho encontrado preso ao pescoço
de um negro morto durante a insurreição
dos Malês, na Bahia, em 1838.



...pela presente confiro a liberdade a José, de cor preta,
idade presumível de 66 anos, solteiro de nação, escravo...

DETALHE DE UMA CARTA DE ALFORRIA
Rio de Janeiro, 1879
Acervo do Museu Afro Brasil

Religiosidade

Os milhões de negros africanos trazidos para o Brasil realizavam uma viagem sem volta. Impedidos de carregar quaisquer pertences e separados de seu povo, traziam no coração a memória, suas crenças, seus ritos, seus deuses.

As religiões afro-brasileiras recebem nomes diferentes dependendo do lugar e do modelo dos seus ritos. No Nordeste há o tambor-de-mina maranhense, o xangô pernambucano e o candomblé baiano. No Rio de Janeiro e São Paulo prevalecem a umbanda e o candomblé. No sul, o batuque gaúcho.

A partir de agora, você vai conhecer um pouco do candomblé, uma das religiões afro-brasileiras mais conhecidas em todo país, sendo seu panteão constituído de orixás, inquices e voduns, divindades dos povos iorubá, banto e jeje, respectivamente.

Mestre Didi é um artista e sacerdote do culto de Baba Egum. Baba quer dizer pai e Egum, o espírito dos mortos. Invocado por um sacerdote, o Baba aparece na cerimônia e, como um verdadeiro pai, aconselha, abençoa e dá bronca, quando necessário.



Mestre Didi
DAN, A SERPENTE DO ALÉM
1999
Palha, couro, tecido, búzios, contas

A foto ao lado mostra o altar de um orixá: **lemanjá**. Olhando com atenção para os detalhes você descobrirá suas principais características.

Quais são suas cores?

.....
.....

Onde lemanjá vive?

.....
.....

lemanjá é um orixá masculino ou feminino?

.....
.....

Quais adornos lemanjá gosta de usar?

.....
.....



Reprodução
Peji Iemanjá
Concepção Dagmar Garroux e Saulo Garroux
para a exposição Arte e religiosidade no Brasil.
Heranças Africanas, 1997
Foto: Lamberto Scipione



Carla Osório
SÉRIE HERDEIROS DA FÉ
Década de 1990
Fotografia cor
45 X 30 cm

Uma grande família

O que é uma
família para você?

Como é a sua família?

Você conhece alguma família
muito diferente da sua?

É comum chamarmos de “minha família” as pessoas que possuem os mesmos antepassados que nós (avós, bisavós, tataravós). Costumamos dizer que temos vínculos de sangue com essas pessoas. Pois bem, no candomblé todos que fazem parte de um determinado terreiro (lugar onde acontecem as cerimônias), ou de terreiros ligados a ele, formam uma família-de-santo. Nas famílias-de-santo, os vínculos são espirituais e sagrados.

Para pertencer a uma família-de-santo a pessoa precisa ser iniciada por um pai ou mãe-de-santo e, a partir daí, terá irmãos-de-santo, tios-de-santo, avós e avós-de-santo e assim sucessivamente. Como em toda família, o amor e a confiança entre os seus membros e o respeito aos mais velhos são essenciais para manter a harmonia da mesma.



Madalena Schwartz

ESCOLÁSTICA MARIA DE JESUS, MÃE MENININHA DO GANTOIS
(Salvador, BA, 1894 - idem, 1986)

Acervo Instituto Moreira Salles, RJ

A mãe-de-santo mais conhecida do Brasil.

A Mãe Menininha era filha de **Oxum**, a deusa das águas doces, das fontes, lagos e cachoeiras, do amor e do dengo. As cores de Oxum são o amarelo e o dourado. Sua saudação é "Ora, êi, êi, ô!" (Saudemos a boa vontade da mãe!).

"E a mãe da doçura Hein? Tá no Gantois."

(Verso da canção Oração de

Mãe Menininha, de Dorival Caymmi)



Adenor Gondim

FESTA DE OMOLU OU SÃO LAZARO

Fotografia em preto e branco

15 de agosto de 1998.

Omolu ou Obaluaiê, que quer dizer "rei da terra", é o orixá que conhece os segredos da vida e da morte. Tem o poder de curar as doenças, mas também pode provocá-las.

Omolu veste-se com um manto de palha da cabeça aos pés e carrega nas mãos um xaxará, um cetro-vassoura com o qual ele varre as doenças do mundo.

Sua saudação é, "Atotô " (Calma!).

As ferramentas dos orixás são de José Adário dos Santos (ferro). As peças em latão são de Mário Proença e o oxê, machado duplo de Xangô, é uma peça anônima.



Os orixás

Você já conheceu nas páginas anteriores Iemanjá, Oxum e Omolu. Conheça agora outros orixás do candomblé.

Iansã – deusa dos raios e das tempestades, domínio que divide com seu marido Xangô. Iansã é uma guerreira forte e destemida. Sua principal ferramenta é a espada, geralmente fabricada em cobre. Suas cores são o marrom escuro e o vermelho e sua saudação é “Eparrei!” (Ó admirável!).

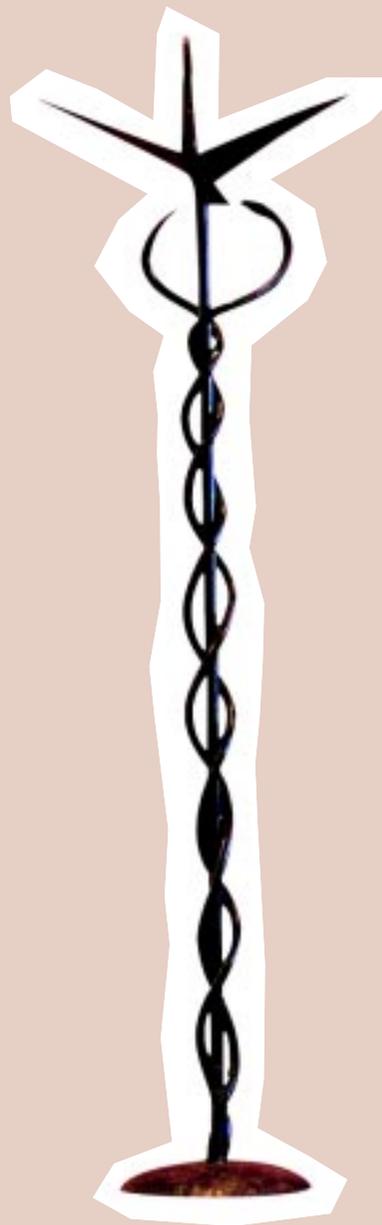
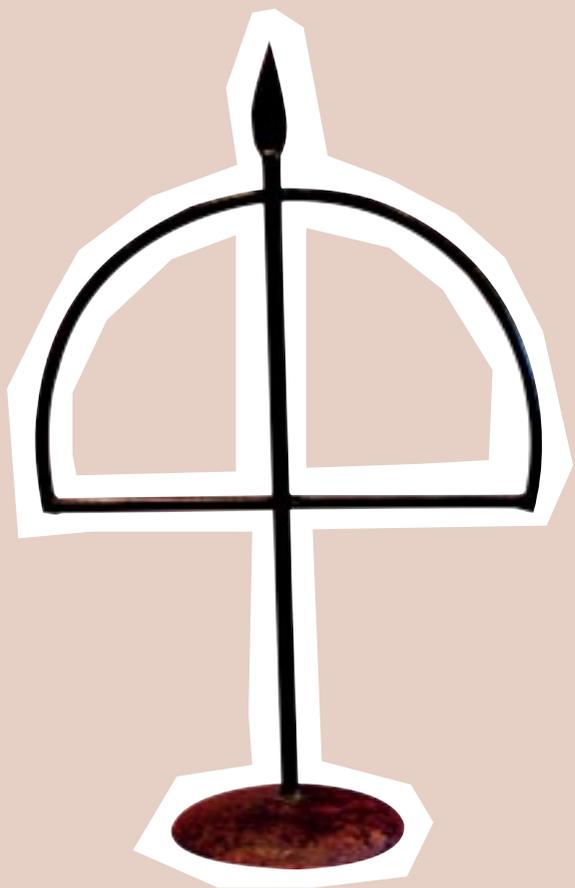
Oxalá – o orixá da criação. Foi ele quem modelou com o barro o corpo dos homens sobre o qual Olodumaré (o Ser supremo) soprou para dar a vida. Quando aparece como Oxalufã, o velho, apóia-se num bastão, o opaxorô, com pratos sequenciados, coroa e pássaro na ponta de cima, que simboliza sua experiência e sabedoria. Sua cor é o branco e sua saudação é “Epababá!” (Ó pai Admirável).

Xangô – orixá que em sua vida na terra foi rei da cidade de Oyó, na Nigéria (África). Nos mitos, aparece como o senhor dos raios e trovões que solta fogo pela boca. Seu símbolo é o machado de duas faces chamado oxê, às vezes esculpido na forma humana. Sua cor é o vermelho e sua saudação é “Kawó Kabiyesilé!” (Venham ver o rei descer!).

Oxumaré – a serpente arco-íris, símbolo da mobilidade e da ação, mas também da continuidade e da permanência das coisas. Conta seu mito que Oxumaré era um babalaô (sacerdote de Ifá, o orixá que conhece o destino dos deuses e dos homens) e que após curar Olodumaré de uma doença nos olhos que o impedia de enxergar, este não quis mais separar-se dele. Desde então, Oxumaré mora no céu e só de tempos em tempos volta à terra. Seu símbolo é a serpente. Suas cores são o verde e o amarelo e sua saudação é “Arô Boboi!”

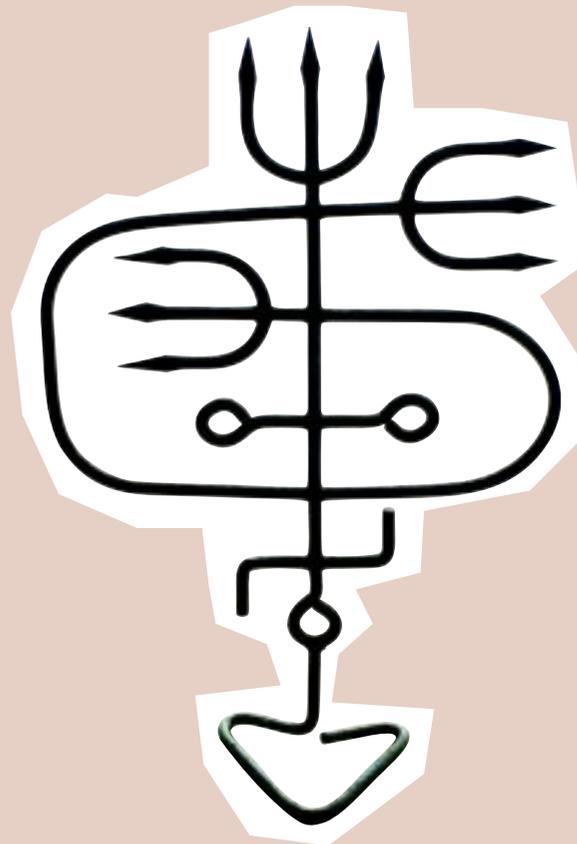
Os objetos que aparecem nas páginas 22, 23, 24 e 25 são ferramentas de orixás. As ferramentas simbolizam cada um dos orixás e, por isso, estão presentes em seus altares e acompanham seus trajes rituais.

Tente descobrir a que orixá pertence cada ferramenta, a partir das características descritas nos textos destas páginas. Escreva, nas linhas pontilhadas abaixo de cada uma delas, o nome do orixá correspondente.



Ossaim – o deus das folhas, das ervas e dos medicamentos feitos a partir delas. É tido como uma divindade que possui apenas uma perna, lembrando o tronco de uma árvore. Por isso, sua ferramenta é uma árvore simplificada de sete ou seis galhos, com um pássaro em cima. Sua cor é o verde e sua saudação é “Ê ewê ô!” (Ó as folhas!).

Oxossi – o orixá da mata. Na África era cultuado pelas famílias reais da cidade africana de Kêto, na qual foi rei. Seu símbolo é um arco e uma flecha de ferro. Sua cor é o azul claro e sua saudação é “Okê arô!” (Salve o caçador dos montes!).



Ogum – orixá da guerra e do fogo. Conhecido também como ferreiro, é o inventor das armas e ferramentas de trabalho, por isso é uma espécie de deus civilizador. Seus símbolos são a espada e as ferramentas como enxada, foice, pá etc. Suas cores são o verde-escuro e o azul-escuro; a sua saudação é "Ogum Yeê!" (Olá Ogum!).

Exu – o mensageiro entre os orixás e os homens. Está associado ao poder de fertilização e à força transformadora das coisas. Também é o senhor dos caminhos. É uma divindade ambivalente, nem bom nem mau. Seu símbolo é o tridente, suas cores são o vermelho e o preto e sua saudação é "Laroiê!" (Ó dono da força!).



Festas

As pessoas fazem festas para comemorar alguma coisa ou simplesmente porque querem se divertir juntas. Em nossa festa de aniversário, por exemplo, comemoramos o dia do nosso nascimento e costumamos chamar a família e os amigos.

Mas existem festas maiores, como uma formatura, e outras ainda maiores como a festa de Nossa Senhora Achiropita, padroeira do bairro do Bexiga, em São Paulo, em que vão milhares de paulistanos.

No Brasil existem algumas festas tradicionais que são celebradas em todo país, todos os anos, como o São João, o Natal e a maior delas – o Carnaval.

Essas festas têm origem em um tempo muito distante, em que os homens pediam aos deuses proteção e colheitas fartas. Nestes rituais, havia comidas, bebidas, música e dança e como a agricultura está relacionada às estações do ano, eles se tornaram periódicos.

Nas festas, além de nos divertirmos, sentimos que fazemos parte de uma família, de um grupo, de uma comunidade, de um país.

Quando você ouve a palavra “festa”, que imagens vêm à sua mente?

Você se lembra da última festa a que você foi?

Qual era o motivo dela?

Que pessoas estavam lá?



Agora vamos mergulhar um pouco na história das festas brasileiras, observando a gravura abaixo.



Reprodução
Johann Moritz Rugendas
FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
1835
Litografia colorida à mão

Comece olhando para cada detalhe do espaço em volta das pessoas. Nele identificamos elementos que fazem parte de uma típica cidade brasileira de antigamente.

A igreja com casas em volta, as ladeiras, as árvores, os caminhos de terra. Agora, aproxime seu olhar das pessoas. Veja como estão vestidas.

Quais delas estão calçadas? E quais estão descalças?

Concentre-se nas duas figuras centrais. Pela vestimenta e postura, é possível saber quem são? Veja também o movimento que cada pessoa está fazendo, existe alguma relação entre estes movimentos e as figuras centrais?

Observe o grupo mais próximo à direita.

Você conhece os instrumentos que eles estão tocando?

Você poderia afirmar que o que está acontecendo nesta imagem é uma festa? Por quê?



No Brasil Colonial, os habitantes dos povoados e vilas dedicavam metade dos dias do ano à realização de festas religiosas.

Essas festas aconteciam nas ruas, na forma de desfiles. A música, o teatro, a dança e a beleza das vestes e objetos, como mastros, estandartes, andores e bandeiras, compunham um grande espetáculo itinerante.

Foi a partir dessas celebrações religiosas que nasceu a maioria dos festejos populares que conhecemos hoje. Os africanos escravizados e seus descendentes encontraram nessas celebrações festivas um modo de preservar muitas de suas tradições.

A festa de Nossa Senhora do Rosário, que vimos na gravura de Rugendas, é um exemplo disso. Nela, além do batuque bem à maneira africana, dois escravos eram eleitos rei e rainha do *Congo* e seguiam com seu cortejo festivo até a igreja onde eram coroados.

Rei e rainha estão presentes hoje no maracatu, folguedo que foi incorporado pelo carnaval e que mantém a forma de cortejo a exemplo da antiga festa de Nossa Senhora do Rosário.

No maracatu desfilam, além do rei e rainha, príncipes, guerreiros, embaixadores, baianas, damas e índios. Como nos demais festejos de rua, a festa e o espetáculo acontecem ao mesmo tempo.

Zé Caboclo
MARACATU
Cerâmica pintada



GUERREIRO DE MACHADO
Maracatu Rural, Pernambuco
Tecido, madeira e miçangas

Este índio guerreiro do maracatu rural, de Pernambuco, gostaria de criar novos desenhos para sua vestimenta. Será que você pode ajudá-lo? Nos espaços em branco, desenhe e pinte suas sugestões. ▶





MÁSCARAS DE CAVALHADA
Pirenópolis, GO
Papel-maché pintado

Estas máscaras de papel-machê são da cavalhada de Pirenópolis, Goiás. A cavalhada é um espetáculo dramático, representado ao ar livre, que lembra os romances medievais.

O enredo conta a história de um príncipe *mouro* que se apaixona por uma princesa cristã e, inconformado com a proibição do rei cristão que não quer ver sua filha casada com um infiel, rapta a princesa. O rei dos cristãos, querendo vingança, declara guerra aos mouros. Os dois exércitos defrontam-se no campo de batalha. Os mouros vestem-se de vermelho e trazem a meia-lua prateada em suas bandeiras; os cristãos vestem-se de azul e, nas suas bandeiras, trazem a cruz de Cristo. Os cavaleiros lutam galopando e mostram grande habilidade com suas armas e cavalos. Os cristãos vencem a batalha e a mão da princesa é cedida ao príncipe mouro porque ele demonstrou valentia e se converteu ao cristianismo.

Outras festas de origem européia foram preservadas, sobretudo graças a comunidades negras. Folias de Reis e pastoris, *autos* religiosos são hoje vistos apenas como folguedos populares, assim como as cavalhadas, que relembram os combates entre cristãos e mouros nas roupas vermelhas e azuis dos cavaleiros. O boi e a burrinha do presépio natalino se transformaram em personagens do bumba-meu-boi, dança dramática bem humorada que hoje está associada aos festejos de São João.



MÁSCARA DE CAZUMBÁ
Maranhão

O Cazumbá é um personagem mascarado que aparece em algumas encenações de bumba-meu-boi. Ele surge para assombrar Pai Francisco porque ele cortou a língua do boi (ver história na página seguinte).

Observe as cores, os desenhos e a variedade de materiais utilizados.

Contado e recontado através dos tempos, na tradição oral nordestina, e depois espalhado pelo Brasil, o auto do boi possui tantos nomes quanto enredos diferentes: Bumba-Meu-Boi, no Rio Grande do Norte, Alagoas e Maranhão; Boi Bumbá, no Pará e Amazonas, Boi Calemba ou Bumbá em Pernambuco; no Ceará, é Boi de Reis, Boi Surubim e Boi Zumbi; na Bahia é Boi Janeiro, Boi Estrela do Mar, Dromedário e Mulinha-de-Ouro; no Paraná e em Santa Catarina, Boi de Mourão ou Boi de Mamão; em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Cabo Frio é Bumba ou Folguedo do Boi; no Espírito Santo, Boi-de-Reis; no Rio Grande do Sul, Bumba, Boizinho, ou Boi Mamão; em São Paulo, Boi de Jacá e Dança do Boi.

O relato que segue foi baseado em versões contadas e encenadas no estado do Maranhão, local onde se apresenta o maior número de Bois no Brasil.

A história

A história acontece numa fazenda no interior do Brasil e tudo começa quando Pai Francisco, empregado da fazenda, se desespera porque Mãe Catirina, sua mulher que esta grávida, cisma em comer língua de boi; mas não é qualquer boi: ela queria comer a língua de Mimoso, o novilho preferido do coronel dono da fazenda.

Então, Pai Francisco resolve cumprir as suas obrigações de pai e marido roubando o boi para satisfazer os desejos da mulher.

Mas o Coronel percebe que o boizinho sumiu e ordena ao vaqueiro que descubra o que aconteceu com o bicho.

O vaqueiro procura em toda a vizinhança sem encontrar o touro bonito e tampouco o ladrão, por isso chama as índias para ajudar, porque elas conhecem bem o mato e não têm medo de cobra de duas cabeças.

As índias, armadas de arco e flecha, atravessam rios e florestas, mas não acham nenhum rastro do boi.

É nesta hora que o coronel, depois de ficar sabendo dos desejos esquisitos de Mãe Catirina, manda chamar Pai Francisco que, depois de muita confusão, resolve confessar o roubo.

O pajé ressuscita o boi, o Coronel decide perdoar Pai Francisco e fazer uma grande festa para comemorar a volta de Mimoso.



Ô seu Capitão
Chega pra diante
Faz uma mesura
A essa toda gente
Ô seu Capitão
Já pode chegar
Que o Dono da casa
Mandou te chamar.

(Verso de chegada do Boi Misterioso,
Pernambuco)

BUMBA-MEU-BOI
Madeira e tecido
bordado com miçangas



Manuel Eudócio
FIGURAS DO REISADO
Cerâmica pintada

História e Memória

Luís Gama

Era uma vez um menino negro que nasceu livre, na Bahia, no ano de 1830. Sua mãe, Luiza Mahin, que era africana liberta, lhe deu o nome de Luiz. O seu pai era um fidalgo português. A mãe de Luiz desapareceu quando o menino ainda tinha seis anos. Ela havia sido acusada de estar envolvida com lutas revolucionárias para por fim à escravidão. Algum tempo se passou e o pai de Luiz perdeu todos os seus bens, empobreceu. Nesse momento, vendeu o filho para diminuir suas dívidas. Luiz Gama tinha então dez anos, e virou um menino escravo. Como escravo ele passou pelo Rio de Janeiro e por algumas cidades da província de São Paulo.

Sua história de vida foi marcada por muita luta e fortes emoções. Aprendeu a ler na adolescência e logo passou a trabalhar como tipógrafo, para depois tornar-se poeta, advogado e um dos maiores líderes abolicionistas. A lembrança que guardava da sua mãe o acompanhou sempre. A importância de Luiz Gama foi tal que seu enterro, em 1882, paralisou a cidade de São Paulo e contou com o acompanhamento de cerca de três mil pessoas, entre negros pobres, escravos, fazendeiros, políticos, advogados e até o Conde de Três Rios, Vice-Presidente da Província em exercício. Quando o cortejo se aproximava do túmulo, homens negros tomaram o caixão nas mãos e o carregaram até o momento final. A escravidão foi extinta seis anos após a sua morte.

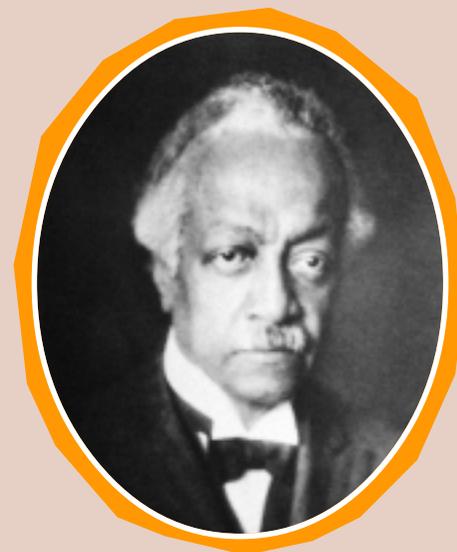


Militão Augusto de Azevedo
LUIS GAMA
(Salvador, BA, 1830 - São Paulo, SP, 1882)
Fotografia (albúmen) cerca de 1880

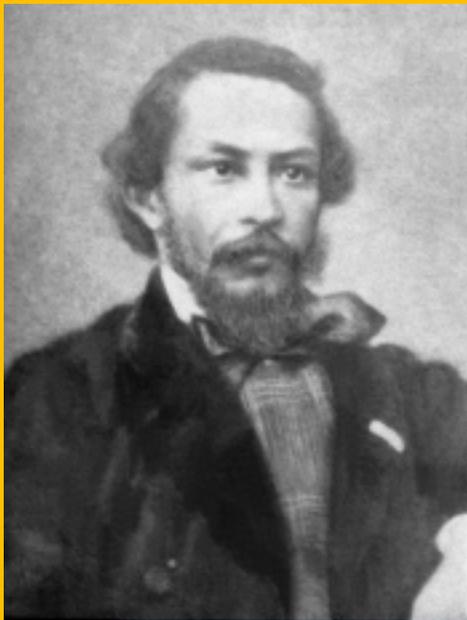
Você conhece negros importantes na história do Brasil? Vários são nossos conhecidos e nem imaginamos que eles são negros ou mestiços. Você já pensou sobre isso? Médicos, engenheiros, arquitetos, escritores, poetas, artistas, entre outras tantas personalidades negras têm presença marcada na nossa história, desde os tempos da escravidão até os dias de hoje, mas são pouco conhecidos. Mesmo após a abolição da escravidão, que decretava a igualdade entre todos os cidadãos, não estava garantido o direito de acesso a lugares de prestígio para a população negra. Homens e mulheres negros tiveram e ainda têm de lutar muito para conquistar um lugar de reconhecimento social. A partir de agora, você conhecerá alguns desses nomes.

Juliano Moreira

Ainda era cedo, os portões da Faculdade de Medicina da Bahia nem tinham sido abertos, mas já havia um movimento intenso de estudantes no Terreiro de Jesus. É que eles ardiam em curiosidade para conhecer o resultado do concurso para professor que, finalmente, seria divulgado. Afinal, eles sabiam que não seria fácil para o jovem médico negro Juliano Moreira vencer um concurso numa instituição com fama de racista, frente a uma banca examinadora majoritariamente escravocrata. Foi por isso que, naquela manhã de maio de 1896, quando finalmente entraram no prédio, os futuros médicos mal puderam acreditar no resultado afixado no mural: ao todo, Juliano tinha recebido 15 notas dez. A vaga era dele. Juliano era famoso e querido, desde os tempos de estudante, por sua modéstia e genialidade: tinha concluído o curso de medicina com apenas 18 anos de idade, com uma tese que se tornou conhecida internacionalmente. Agora, com apenas 23 anos, tinha conseguido superar concorrentes poderosos e se tornava o mais novo professor da faculdade. Mas para esse rapaz – filho de uma doméstica e de um funcionário da prefeitura, que só assumiu o filho quando ficou viúvo – a Bahia foi só o começo: não demorou muito para ele ganhar o mundo e tornar-se o mais importante psiquiatra brasileiro.



Reprodução
JULIANO MOREIRA
(Salvador, BA, 1873 –
Rio de Janeiro, RJ, 1933)



Gonçalves Dias

Quem não conhece “*Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá. As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá...*”? São os primeiros versos da *Canção do Exílio*, escritos por Antonio Gonçalves Dias, um dos maiores representantes do romantismo brasileiro e também autor de *I-Juca Pirama*, uma das obras-primas da nossa poesia. O poeta, de origem mestiça, foi proibido de desposar Ana Amélia Ferreira do Vale, o grande amor de sua vida, pois a mãe da moça não concordou com o casamento.

Reprodução
ANTONIO GONÇALVES DIAS
(1823 – 1864)
Poeta, dramaturgo e jornalista literário



Machado de Assis

Autor obrigatório, inclusive nas leituras escolares, talvez o maior romancista brasileiro de todos os tempos. Era filho de um operário mulato e de uma portuguesa nascida nos Açores. Neto de escravos, perdeu ainda criança sua mãe e sua irmã, vítimas de doenças que assolavam na época a cidade do Rio de Janeiro. Sobre sua infância e o início da adolescência, pouco se sabe. *Helena*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *O Alienista*, *O Espelho*, *Missa do Galo* são alguns exemplos dos romances e contos do autor, que também escreveu poemas, crônicas, peças de teatro, críticas literárias e teatrais.

Reprodução
JOSE MARIA MACHADO DE ASSIS
(Rio de Janeiro, RJ, 1839 –
Rio de Janeiro, RJ, 1908)
Fotografia (albúmen), s/d.
Arquivo O Estado de São Paulo

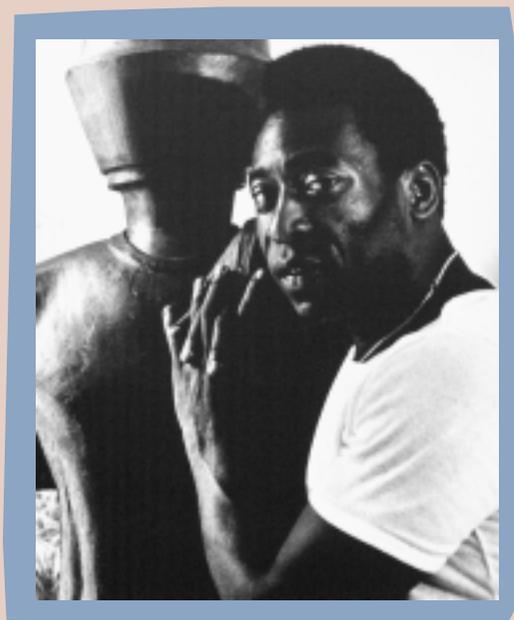


Carolina Maria de Jesus

Carolina mudou-se para São Paulo (SP) na década de 1930. Dormiu embaixo de pontes e morou, durante muito tempo, na favela do Canindé. Foi doméstica, faxineira e trabalhou catando papel na rua. Carolina escrevia durante à noite, em pedaços de papel, as anotações que resultaram em “Quarto de Despejo”, cuja primeira edição esgotou em uma semana e foi traduzido em treze idiomas nos últimos trinta e cinco anos. Em pouco tempo sua obra chegou a vender mais do que a de Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais lidos de todos os tempos.

A vida e a obra de Carolina de Jesus são ainda hoje estudadas em diversos países. Carolina morreu pobre e esquecida, na madrugada de 13 de fevereiro de 1977.

Fernando Goldgaber
RETRATO DE CAROLINA MARIA DE JESUS
(Sacramento, MG, 1914 –
São Paulo, SP, 1977)



Pelé

Sua carreira no futebol começou cedo, foi descoberto aos onze anos, por Waldemar de Brito, e aos quinze anos já estava integrado ao time do Santos. Em seu primeiro jogo, no Santos, em 7 de setembro de 1956, marcou de forma espetacular o sexto gol contra o Corinthians de Santo André. Já na campanha seguinte, como titular, foi o artilheiro do campeonato paulista, dando mostra da sua genialidade. De lá, até hoje é conhecido como Rei do Futebol e, sem dúvida, é o brasileiro mais conhecido em todo o mundo.

Reprodução
Madalena Schwartz
PELÉ (Três Corações, MG, 1940)
Fotografia preto e branco, 1982
Acervo Instituto Moreira Salles, RJ



Elza Soares

Filha de uma lavadeira e de um operário foi criada na favela de Água Santa, subúrbio de Engenho de Dentro, RJ. Foi lavadeira e operária numa fábrica de sabão e aos 20 anos, aproximadamente, fez seu primeiro teste como cantora.

Já cantava desde criança, com a sua voz rouca e ritmo inigualável. Grava músicas dos grandes compositores brasileiros e é reconhecida como uma das grandes representantes da música nacional.

Reprodução
Madalena Schwartz
ELZA SOARES
(Rio de Janeiro, RJ, 1937)
Fotografia preto e branco, 1973
Acervo Instituto Moreira Salles, RJ



Grande Otelo

Veio para o Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de sua vocação de ator. Na Ópera Nacional, onde estudou, ganhou dos colegas o apelido de Pequeno Otelo. Ele preferiu e se auto-entitulou *The Great Otelo*, mais tarde abasileirado e dando a ele o nome pelo qual se tornaria conhecido: Grande Otelo. Começava a carreira de um dos maiores atores brasileiros, que passou pelos palcos dos cassinos e dos grandes shows das mais importantes casas noturnas do Rio. Passou também pelo teatro, pelo cinema e pela televisão, deixando sempre a lembrança de personagens marcantes.

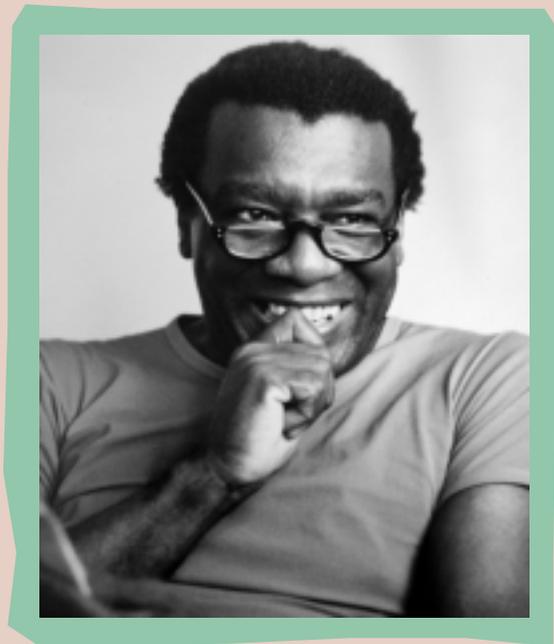
José Paulo Lacerda
RETRATOS DE GRANDE OTELO
Fotografia, S/ data



Milton Nascimento

Já aos 13 anos de idade atuava como crooner ao lado de seu vizinho Wagner Tiso em um conjunto de baile. Sua trajetória nacional e internacional é reconhecida por todos nós. Sua mãe adotiva, Lília Silva Campos, era professora de música e seu pai, Josine Campos, era dono de uma estação de rádio. Mudou-se para Minas Gerais aos dois anos de idade. Sobre sua família, Milton disse: *"Sou fascinado pela minha família, acho que eu não poderia ter tido mais amor, educação e liberdade em nenhuma outra família no mundo"*. Milton Nascimento tinha quatro anos quando sua avó lhe deu seu primeiro instrumento musical: *"ela me deu um acordeão, e foi aí que minha vida musical começou"*.

Reprodução
Vânia Toledo
RETRATOS DE MILTON NASCIMENTO
Rio de Janeiro
Fotografia
Coleção particular



Milton Santos

"É o sonho que obriga o homem a pensar."

Milton Santos

Aos oito anos, já havia concluído o equivalente ao curso primário. Neto de escravos por parte de pai, foi incentivado a estudar sempre e muito; seus pais eram professores primários. Formou-se em Geografia e em Direito, mas não chegou a exercer a profissão de advogado. Como geógrafo lecionou em importantes universidades do mundo – na Europa, na África e nas Américas. Ficou exilado por treze anos, durante o governo da ditadura militar. Escreveu mais de quarenta livros em diversas línguas; sua obra é uma importante referência para todos que procuram compreender o mundo atual. Recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais, dentre eles o maior concedido a geógrafos, o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, em 1994.

Reprodução
MILTON SANTOS
(Brotas de Macaúbas, BA, 1926 – São Paulo, SP, 2001)
Fotografia
Coleção família Santos

Artes



O Aleijadinho
FRAGMENTO DE TALHA
Século XVIII
Obra em comodato

A mão afro-brasileira

O que veremos a seguir revela o quanto a nossa arte se desenvolveu pelo talento e pelas mãos de negros e mestiços.

Durante três séculos quase toda arte que se produzia no Brasil era religiosa. Os artistas da época aprendiam sua arte nas corporações de ofício. Cada ofício tinha a sua corporação. Havia a corporação dos escultores, a dos douradores, dos entalhadores, dos ferreiros, dos carpinteiros e assim por diante.

Nas corporações, os mestres, como eram chamadas as pessoas que possuíam muita experiência em determinado ofício, ensinavam aprendizes que, em sua maioria, eram negros e mestiços já que a sociedade colonial via as atividades manuais com preconceito, chegando mesmo a considerá-las indignas de homens brancos livres.

Muitos desses aprendizes se tornavam mestres e passavam a formar novos artistas. Um destes mestres mestiços foi o grande escultor Antônio Francisco Lisboa, "O Aleijadinho".



Reprodução
Belmont
(São Paulo, SP, 1897 – idem, 1947)
RETRATO DE ALEIJADINHO
cerca de 1940
Nanquim sobre papel

O Aleijadinho nasceu, bastardo e escravo, em Minas Gerais. Era filho de Manuel Francisco Lisboa – arquiteto e mestre de obras português que o iniciou na arte – e de uma de suas escravas africanas.

Aleijadinho era muito admirado por seus contemporâneos que o consideravam o maior artista de seu tempo. O que impressionava, e ainda impressiona nas obras deste mestre escultor, é a grande expressividade que conseguia dar para suas imagens, até mesmo para aquelas que deveriam cumprir função apenas decorativa como o *Anjo Atlante* (ao lado).

Reprodução
ANJO ATLANTE
Século XVIII
Madeira Policromada
Igreja do Carmo de Sabará, MG

Os pintores de céu

Nesta época, além dos mestres escultores, havia também, entre outros, os mestres pintores. Nas igrejas, as pinturas contavam histórias bíblicas que funcionavam como livros, já que a maioria das pessoas não sabia ler. Nos imensos tetos que forravam a nave central das igrejas, anjos e santos flutuavam em meio a nuvens, estrelas, fitas e flores compondo um grande espetáculo visual. Era o espetáculo do Barroco, nome dado à arte deste período. Um desses artistas pintores de teto foi Padre Jesuíno de Monte Carmelo.

Padre Jesuíno de Monte Carmelo

Nasceu em Santos, em 1764, e morreu em São Paulo, em 1819. Foi também arquiteto e músico. Os registros da época contam que ele era um grande festeiro, gostava de compor, tocar e organizar festas. Suas pinturas nos fazem lembrar a alegria e o colorido dos festejos de rua, como se pode ver no detalhe do teto da Capela Mor da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Itu, SP, na página ao lado.



Padre Jesuíno de Monte Carmelo
ECE HOMO
Século XVIII
Óleo sobre madeira



Reprodução
Padre Jesuíno
de Monte Carmelo
TETO DE IGREJA DE ITU
Século XVIII
Óleo sobre madeira

Veja na imagem acima que tudo é movimento e cor.

Observe o gesto da figura central ao deixar cair uma flor. Há também o vento que sopra os tecidos.

A emoção teatral estava presente em toda arte que se fazia no tempo de Monte Carmelo.

Escolha um pequeno detalhe desta cena e desenhe no espaço ao lado.

O domínio dos sentidos

No começo do século XIX, com a vinda da família real para o Brasil, muita coisa começaria a mudar. Com o fim das corporações de ofício e a criação da Academia de Belas Artes termina a época em que os artistas aprendiam sua arte no interior de ateliês. O Barroco vai dar lugar ao *Neoclássico*, estilo mais de acordo com o gosto dominante entre os consumidores de arte daqueles tempos. Para acompanhar tais mudanças, o artista deveria ser capaz de pagar por uma educação dispendiosa que incluía também sua formação no exterior. É claro que os brasileiros mais pobres, em sua maioria negros e mestiços, ficaram excluídos desse processo. Embora, com isso, a presença de artistas negros tenha diminuído, principalmente nos grandes centros urbanos, alguns criadores marcaram a arte brasileira nesse período, como é o caso de Estevão Silva.

Estevão Silva

É considerado o maior pintor de natureza-morta de seu tempo. E não é para menos. Os seus quadros são mais que representações de frutas. São cores – verdes, vermelhos, amarelos –, são também gostos e cheiros. Conta-se que Estevão Silva gostava tanto de provocar as pessoas com suas pinturas que, algumas vezes, ao expor seus quadros, cortava melancias, abacates, melões, laranjas e colocava atrás da tela para que o público pudesse sentir o cheiro enquanto apreciava a imagem. Estevão Silva pintava também retratos, alegorias, cenas históricas e religiosas.

Estevão Roberto Silva
(Rio de Janeiro, RJ, cerca de 1845 –
idem 1891)
NATUREZA-MORTA
1884
Óleo sobre tela



Observe a obra ao lado:
Em que lugar você acha
que foi feita esta pintura?
Por quê?

Você conhece todas
as frutas que aparecem
na composição?

Ao lembrar destas frutas
consegue sentir seu
cheiro e sua textura?

Esta relação que fazemos
entre os sentidos
chama-se *sinestesia*.

Para dar continuidade às
provocações de Estevão
Silva, vamos usar mais
um sentido para dialogar
com esta obra.

Quais os sons ou que
música você ouve ao
olhar para esta pintura?

O século XX, a arte à flor da pele

No século XX, alguns acontecimentos contribuíram para que o negro e as manifestações culturais ligadas às raízes africanas passassem a receber maior atenção da sociedade. Um destes acontecimentos foi a Semana de Arte Moderna de 1922. Os *modernistas* defendiam, entre outras coisas, uma produção artística voltada para os temas nacionais, ou seja, a arte deveria mostrar a paisagem, o povo e a cultura brasileira. É por isso que, nesse período, negros e mestiços apareciam como tema em muitas obras de artistas importantes.

Nos anos trinta, são publicados alguns livros e realizados congressos sobre cultura afro-brasileira; a partir daí, artistas e temas negros começam a reaparecer com maior intensidade nas artes plásticas brasileiras.

Conheça agora a obra de quatro artistas negros do século XX e quatro maneiras diferentes de fazer arte.



A obra de **Benedito José Tobias** foi realizada entre as décadas de 1930 e 1940, em São Paulo. Embora tenha ganho vários prêmios e atuado num período de muita efervescência cultural, o artista permaneceu quase desconhecido. Tobias concentrou seu trabalho, quase exclusivamente, na representação de negros. Ele se aproximava daquilo que o retratado tinha de mais humano, captando com delicadeza suas expressões, seus traços físicos, suas marcas pessoais, seu corpo e sua alma.

Benedito José Tobias
RETRATO DE MULHER
cerca de 1930 - 1940
Óleo sobre tela
29 x 22 cm



Heitor dos Prazeres
SEM TÍTULO
1968
Óleo sobre tela

Heitor dos Prazeres

Foi músico, pintor, cenógrafo, compositor, poeta, coreógrafo, estilista e radialista. Ele gostava de representar o cotidiano de festa do povo brasileiro. Em sua obra não aparecem pessoas sozinhas, o coletivo está sempre presente. A música é uma constante e o movimento define a essência de seu trabalho.

Observe com cuidado a obra acima.

Quais são as cores que o artista usou?

Que formas, cores e linhas se repetem?

De que forma as figuras estão distribuídas no espaço?

Como são os personagens representados, são pessoas brancas, negras ou mestiças? São crianças, jovens ou idosos? Como eles estão vestidos? O que eles estão fazendo?

Você poderia dizer que tipo de música eles estão dançando?

Em que todos os personagens se assemelham?

Agnaldo Manoel dos Santos

Foi auxiliar do escultor Mário Cravo Júnior. No ateliê deste artista, Agnaldo sentiu os primeiros impulsos que o levaram a construir uma obra marcada pela proximidade da arte africana.

Olhe bem para a escultura ao lado.
O que você está vendo?

Veja, nesta escultura, que Agnaldo descartou detalhes em olhos, mãos e demais aspectos do corpo humano para se concentrar apenas no que era essencial para a idéia que queria representar. Desse jeito, acaba realizando uma síntese das formas.

Esta é só uma das características da obra desse artista que faz lembrar a arte africana. Volte às primeiras páginas deste livro e compare máscaras e esculturas africanas com o trabalho de Agnaldo.

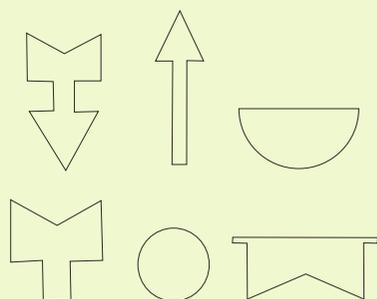
Que outras semelhanças você vê entre estas obras e o trabalho do artista?

Agnaldo Manoel
dos Santos
MATERNIDADE
Década de 1960
Madeira



Rubem Valentim
A simbologia religiosa na arte afro-brasileira

Observe as figuras abaixo:
Encontre na obra ao lado espaços
onde elas possam se encaixar.
Estas figuras se parecem com alguma
imagem que você viu neste caderno?



Rubem Valentim
(Salvador Bahia, 1922 -
São Paulo, SP, 1991)
Madeira pintada
Obra em comodata



Rubem Valentim
(Salvador, Bahia, 1922 -
São Paulo, SP, 1991)
SERIE EMBLEMAS
1989
Serigrafia

Na obra de Rubem Valentim, um dos maiores representantes da arte afro-brasileira, elementos simbólicos do candomblé são decompostos, geometrizados e reorganizados para gerar uma imagem na forma de emblema.

Na gravura observada, podemos identificar figuras que lembram ferramentas de orixás, como o machado duplo de Xangô ou o arco e flecha de Oxóssi.

Estes elementos foram recriados por meio de uma simplificação geométrica e organizados para a criação de um emblema com significação própria.

No retângulo ao lado você poderá criar o seu próprio emblema utilizando as figuras geométricas da página anterior e acrescentando outras de sua imaginação.

Ao final, coloque uma legenda para o seu trabalho.



.....
nome do artista

.....
nome da obra

.....
técnica

Glossário

Acervo – Conjunto de bens de uma pessoa, de uma instituição ou de um país.

Alforria – Liberdade concedida ao escravo. As cartas de alforria eram em sua maioria compradas, porém alguns escravos a receberam de seus senhores.

Ancestral – Antepassado ou antecessor, linha de gerações anteriores.

Atlante – Figura humana esculpida para servir de sustentação, espécie de coluna.

Auto – Composição dramática, originária da Idade Média, que utiliza personagens alegóricos como a morte, a alegria e entidades como demônios e anjos. O canto, a dança, o humor e mensagens moralizantes são presenças quase constantes neste tipo de representação.

Bastardo – Filho ilegítimo; aquele que nasceu fora do casamento.

Cativo – Ou escravo, quem não possui liberdade.

Congo – O Congo é uma presença cantada, dançada e declamada em muitas representações populares como as *congadas*, *congos*, *moçambiques* e *maracatus*, se remete a algumas tradições do antigo reino do Congo.

Entalhador – Gravador ou escultor em madeira.

Escarificação – É um conjunto de pequenas incisões feitas na pele, para identificar a que grupo a pessoa pertence.

Ibeji – Ibi = nascimento eji = dois. No Brasil nasce um par de gêmeos a cada cem nascimentos individuais.

Malês – Negros islamizados, muçulmanos trazidos do noroeste da África. Os malês eram encontrados principalmente na Bahia.

Modernismo – O movimento modernista surgiu na década de 1920, em São Paulo, e abrangia diversas manifestações: artes plásticas, música, poesia, literatura, dança, teatro. Este movimento tinha como proposta a realização de uma arte voltada para a descoberta do Brasil físico, humano e cultural, ao mesmo tempo em que se unia às novas tendências da arte europeia. Os principais artistas do movimento foram: Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Portinari, Di Cavalcanti, Cícero Dias, entre outros.

Mouro – Indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia. Costuma-se também chamar de mouro aquele que não possui a fé cristã.

Navios negreiros – Embarcações que traziam homens e mulheres africanos negros vendidos como escravos.

Neoclássico – É um estilo artístico que surgiu na Europa no final do século XVIII. Chamava-se neoclássico porque pretendia retomar os princípios da antiguidade greco-romana. Para eles uma obra só seria bela se imitasse as formas que os artistas clássicos gregos e os renascentistas italianos já haviam criado. Os seus conceitos básicos deveriam ser aprendidos nas academias, onde o convencionalismo e o tecnicismo reinaram absolutos e a observação da natureza era desprezada.

Panteão – Templo ou lugar dedicado a todos os deuses.

Portátil – Algo que se pode levar de um lugar para outro.

Primordial – Original, que veio primeiro.

Quilombo – Local de refúgio e resistência de escravos fugidos.

Rito – Conjunto de cerimônias praticadas em uma determinada sociedade, em religiões ou seitas.

Obs.: As imagens da página 15 são de Rugendas, Palliere, Pedro Bruno, Debret e de autor desconhecido, respectivamente.

Projeto de Implantação do Museu Afro Brasil

REALIZAÇÃO

Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes
Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura

PATROCÍNIO

Petrobras

CURADOR

Emanoel Araujo

ASSISTENTE DE CURADORIA

Cláudio Nakai

CONCEPÇÃO, ELABORAÇÃO E TEXTO

Ana Lucia Lopes

Maria da Betânia Galas

Núcleo de Educação

COORDENADORA

Ana Lucia Lopes

CONSULTORA DE ARTE EDUCAÇÃO

Maria da Betânia Galas

ASSISTENTES

Neide Aparecida de Almeida

Renata Aparecida Felinto dos Santos

EDUCADORES

Alexandre Bispo

Alexandre Silva

Claudia Teles

Cristiane Bernardino Dias

Gal Quaresma

Glauceia Helena de Britto

Juliana Ribeiro da Silva

Maria Aparecida de Oliveira Lopes

Milton Silva dos Santos

Renato Araújo

Sarah Rute Barboza

Solange Nascimento Ardila

Vanicléia Silva dos Santos

Viviane Lima de Moraes

LEITURA CRÍTICA

Luiz Carlos dos Santos

LEITURA TÉCNICA

Juliana Ribeiro da Silva

Milton Silva dos Santos

Renata Aparecida Felinto dos Santos

Viviane Lima de Moraes

REVISÃO

Neide Aparecida de Almeida

FOTOGRAFIA

Fabio Domingues

PROJETO GRÁFICO

Via Imprensa Edições de Arte



Patrocínio



Projeto de Implantação do Museu Afro Brasil



Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega
Parque Ibirapuera - Portão 10
São Paulo SP - Tel 11 5579-0593
www.museuafrobrasil.com.br

ENTRADA GRATUITA